

QUINTA-FEIRA
Lisboa--10 de Setembro de 1931



1000
ANOS

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

277



sempre
fixe semanario
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro



«Sempre fixe» recorda com infinita saudade a interessantissima figura de Manuel Gustavo, ceramista e caricaturista insigne, falecido fez ontem 11 anos.

A morte, que se compraz em arrebatrar prematuramente os mais belos espiritos, roubou-nos o seu grato convivio e os primores da sua arte tão pessoal como elegante.



Os ditos da semana



A banhos no teatro

Na semana passada fomos ao teatro Variedades. Casa boa, boa peça, segundo parece, mas nós pouca coisa conseguimos ouvir. Ao nosso lado, uma gorda matrona de «lorgnon» encavalitado e solto no nariz—que o tinha para isso—levava o marido ao teatro e explicava-lhe a peça que, pelos modos, ela já tinha visto. Naturalmente, por prudência, tinha lá ido sosinha ver como aquilo era para saber se podia levar o marido.

Santa e virtuosa senhora. Era peor do que uma grafonola:

—Olha agora. Aquelle é muito engraçado.

O marido resmungava e ela continuava:

—Vais ver o que ele diz. Olha agora. Ora ouve. Agora, agora, vai ser agora. É o artista dizia a piada e ela comentava.

—Muito boa, não é?

Mas a pobre matrona, era curta de vista, nem o «lorgnon» lhe valia, porque quando entrou em scena a Maria Cristina, a illustre professora de revista para eleitos conjugais, começou a chamar-lhe Corina Freire e assim se manteve na sua até ao fim.

Resmungámos, olhamos para ela, mas a nada se movia a matrona. Limitava-se a falar, a explicar, a servir de cicrone ao marido que, ou era estúpido ou cego, mas com certeza um santo varão, paciente e mártir.

—Olha agora: vais ver aquelle que é muito engraçado. As coisas que ele inventa.

O calor apertava e a matrona começou a derreter, a transbordar para fóra da cadeira, para dentro da nossa cadeira e nós que já estávamos inundados de comentários começamos a sentir-nos inundados de suor. Aquilo já não era um fauteuil de orquestra, era uma praia de banhos.

E nem faltava o cheiro a maresia

Viver da morte

Os cangaiheiros de Barcelona não aderiram á greve geral. Foram os unicos como era logico, porque lá diz o ditado: «quando á vento é que se molha ha vela».

Em tempos normais, quando não morre ninguém, quer queiram, quer não, os cangaiheiros descançam. A's vezes lá vem um morto, mas os cangaiheiros quasi nem tem tempo para lhes tomar o gosto.

Agora, porém, que os outros camaradas largaram o trabalho, era logico que elles se deitassem a ele com toda a força, tanto mais que materia prima não faltava.

Aquilo sempre é gente que vive da morte dos outros.

Princeza de trazer por casa

Ha tempos, appareceu na America uma creatura a dizer que era a princeza Anastacia, filha de Nicolau II. Escapara milagrosamente da carnificina da casa Ipatiet, dizia ella, e fugira,

transida de pavor, para muito longe, indo parar ao Novo Mundo.

Uma americana — naturalmente milionaria, porque na America todos o são — recebeu-a em sua casa, disposta a mantela por toda a vida, aliando a nobresa do dinheiro á nobresa da filha dum imperador, o que dava um certo tom. Que honra para a familia!

Mas a princeza Anastacia a breve trecho começou a ter exigencias. Queria que lhe beijassem a mão de joelhos; não dançava com ninguém, para que os parentes lhe não caíssem na lama, e não comia sem que as vitualhas

fossem provadas por um creado, com receio de que os bolchevistas, ainda sedentos de sangue, não poupassem o ultimo rebento do Cezar da Russia, apezar de refugiado na America, á sombra dos «dolares» duma americana.

E vá então de desconfiar de que aquella Anastacia, não era mais do que uma mystificada.

Parece que, de facto, não foi difficil prova-lo. E a princeza foi posta na rua, ou melhor, foi deposta de casa da milionaria.

O caso não é novo na historia.

Curioso é que a americana não estava praticando um acto meritorio, protegendo uma infeliz que os azares do destino tinham atirado para a desgraça. Estava apenas explorando a miseria alheia. Queria uma princeza de trazer por casa, para dar maior lustre aos seus «dolares».

Não era a americana que servia a princeza Anastacia. Era a princeza Anastacia que emprestava a sua realza á milionaria, que a fazia frigar, que a tornava invejada, e unica na America, onde outras milionarias apenas tem conseguido obter, para seu uzo, o anel que foi dum rajá da India ou um botão das cuecas de Luiz XI.

Princeza de carne e osso, só esta. Era de carne e osso mas faltava-lhe o sangue real.

E acabou-se a caridade!!!

S. Manuel Gustavo

(A D. Angelica Barreto da Cruz Bordallo Pinheiro).

Santo, sim! Três vezes santo, pelo seu coração amantissimo, pelo seu caracter impoluto, pela sua generosidade risonha para os humildes.

Meu querido, meu saudosissimo Manoel Gustavo, companheiro constante, fiel, carinhoso, inimitavel e inesquecivel!

Revejo-te agora na minha retina saudosa, atravez das minhas lagrimas (que tu sabes sinceras) como da ultima vez. Depois da tua doença; magrinho, tremendo, sorrindo com esforço. — Tal qual como eu estou hoje!

Não me permite o estado cada vez mais periclitante da minha saúde escrever o grande artigo que eu devo á sua memoria. E ninguém, ninguém, como eu, poderá escrevê-lo porque ninguém lhe auscultou melhor do que eu a sua apurada, a sua delicadissima sensibilidade, que ele tanta vez ironicamente disfarçava sob o bigote, num sorriso ligeiro.

Noites inteiras, noites inteirinhas, juntos e sós sorrindo com alegre antono, ou já limpando discretamente uma lagrima, que diziamos nós nessas noites que invariavelmente metiam ceala na «Flôr de S. Roque» ou no «Mealhada», e tinham seu epilogo ás 4 horas da manhã, á abertura do meio-curto, no Calhariz!

— Estomacal e de sabôr assás agradável! — comentava sempre elle, á saida, compondo com ar conspicuo os oculos.

E logo depois descia-se até o Largo das Duas Igrejas e, sem mais demoras:

— Até amanhã, ás quatro da tarde, no atelier. Agora recolhe o homem familiar ao lar acolhedor, que, logo, ás 9 horas da manhã, tenho de estar na minha aula.

Já sabem que Manoel Gustavo Bordallo Pinheiro nunca, a não ser doente com gravidade, um só dia deixou de dar aula na Escola Industrial de Rodrigues Sampaio, em que foi sempre illustre, solícito e sábio professor, honrando, sem contesto, a sua arte, sob mais esse aspecto.

Mas de que falaríamos nós naqueles interminaveis colloquios nocturnos?

Das nossas conquistas amorosas? Dos nossos projectos de gloria?...

Eu talvez, de tempos a tempos, lhe annunciase um projecto glorioso de poema herolco, e ao seu coração sempre joven, sempre alegre, conflasse algum sonho de amor roseo evanescente... Ele nunca me falou senão... do Pal Rafael. «Meu Pai, duma vez...» «Quando meu Pai publicou aquella pagina...» «Tu sabes que meu Pai, lá fóra...»

— O' Manoel Gustavo, mas morto teu Pal, deves mostrar quanto vales...

— Eu só valho a obra de meu Pal.

E foi toda a sua vida! O culto do Pal, o grande, o genial Rafael Bordallo, o amor da Mãe e da Irmã, a devoção de conservar a Fabrica das Caldas.

Manoel Gustavo viveu a esconder-se, contente e orgulhoso, detras da figura brutal de Rafael. Mas era um grande Artista; um fenomenal desenhista; e foi um economista illustre e um renovador.

E' o que lhes contarei no meu proximo artigo.

FRANCISCO DA SILVA-PASSOS.

sempre
fixe

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas... { Ano: 26\$00
Semestre: 13\$00
Trimestre: 6\$50

Colonias portuguezas. { Semestre: 15\$00
Ano: 30\$00

Estrangeiro..... { Ano: 34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor intelligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anuncios Lido agora, á, por tabela.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

AUZENDA de Oliveira, antes de partir para o Porto, despediu-se da imprensa da capital, por intermedio do *Diário de Lisboa*.

Será exagero ou terá medo de não voltar?

■ ■ ■

EMILIA Fernandes vai representar, na revista *Viva Portugal*, entre outros papéis, os seguintes: «Torre dos Clerigos» e «Dama da Alta».

Será piada ao tamanho?!...

■ ■ ■

NA *Pérola da China*, que em breve subirá á cena no Trindade, dois personagens femininos chamam-se, respectivamente, Helena Mauser e Mary Mauser. Como se vê, trata-se dum detonante apelido de familia.

Já consta que o teatro da Trindade vai mudar para espingardaria!...

■ ■ ■

CHEGOU a Lisboa o empresario Antonio de Macedo — que ha muitos anos andava pelo Brasil a gastar energia.

Quando ele partiu, bem melhor estava o nosso teatro!...

■ ■ ■

REAPARECEU a revista *Ai-ló*, com um novo quadro intitulado «Cem á hora!»

Que velocidade!

Será para ganhar o tempo que perdeu quando esteve fechado?

■ ■ ■

ERICO Braga proibiu-nos terminantemente de falarmos do seu cabelo.

Como havíamos nós de falar duma colsa que ele... está para...

No entanto — esta é a ultima!

N. da R. — Vendem-se agora ai uns pentes electricos que, segundo o Rogerio Perez, não são nada maus.

■ ■ ■

O Joaquim Almada, invejoso do ERICO Braga ter um automovel, vai arranjar para o Congresso da



Ricardo Covões e Eduardo Fernandes (Escouapio), os autores da deslumbrante fantasia que ainda esta semana se estreiará no Colisen.

Critica o *Auto do Fidalgo Aprendiz...*

Soares e a da parte coreografica de Francis.

Muito bem! Tomámos nota!...

RECORTAMOS do *Diário de Lisboa*:

«O cargo de director-gerente do Avenida é desempenhado apenas pelo actor Santos Carvalho, sendo a direcção de cena de Augusto

TAMBEM do *Diário de Lisboa*:

«Deixaram a vida teatral, no Rio de Janeiro, os actores Julio Soares e Manoel Rocha, tendo-se

BENGALEIRO



— Este chapou não é mau. Trocaram-no durante o espectáculo!
— Veja vossa excelencia bem. Talvez que, entretanto, lhe tenha crescido a cabeça...

ambos estabelecido naquela cidade, o ultimo com um *restaurant* intitulado *Solar dos Barrigas*.

Este, pelo menos, já tem a barriguinha cheia...

■ ■ ■

A Nascimento Fernandes, Joaquim Almada e Carlos Sampaio se deve a tradução e a adaptação da *Pérola da China*.

Foi por terem aparecido estes três novos tradutores que a Sociedade de Autores teve que alargar as suas instalações...

■ ■ ■

PARTIU para o Luzo o empresario Luis Pereira.

Ter-lhe-ia o teatro dado cabo do estomago?...

■ ■ ■

POR estar contratado no teatro Avenida, foi-lhe absolutamente impossivel tomar parte, na *Volta de Portugal* em bicicleta, o actor Seixas Pereira.

Irá mais tarde, com a bicicleta pela mão...

■ ■ ■

O Apolo está transformado em Sociedade das Nações. Os artistas que lá estão formam um espectáculo que, apesar de internacional, o publico português percebe muito bem.

Representa-se em português, espanhol, alemão e noutras linguas.

Parece o curso do Berlitz!...

■ ■ ■

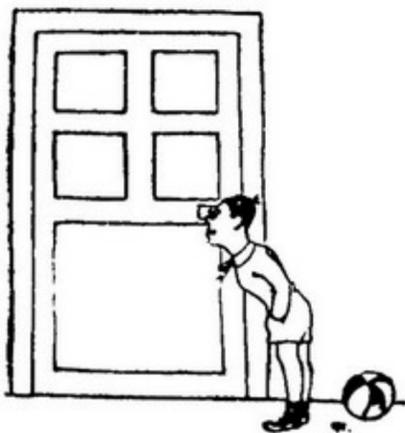
NO Maria Vitoria só os bilhetes desceram. O publico tem subido. A revista continua com o mesmo tamanho de espectáculo inteiro e o Costinha não sobe nem desce. Está na mesma altura!...

■ ■ ■

ATÉ á hora de fecharmos o nosso jornal, a companhia Hortense Luz continua em Africa sem se dissolver, e bafejada de exitos.

Nem outra colsa nós desejamos, muito embora os inteligentes supunham o contrario!...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS



— Quando os pais se divertem, os filhos estão muito quietos...

O engano

O Anastacio Fernandes andava há já algum tempo com uma pedra no sapato. Ele, que fora toda a vida um homem risonho, continuamente alegre, era agora um triste, andando sempre pensativo.

Tinha a impressão de que a sua mulher lhe era infiel, mas que, infelizmente para ele e felizmente para ela, apenas era impressão: não tinha ainda a certeza. Falara já a um polícia absolutamente secreto para que espiasse a sua esposa, mas o polícia, ou porque tinha mais que fazer ou porque tinha menos que fazer, não descobriu coisa nenhuma.

Mas, um belo dia, o Anastacio resolveu operar por conta própria, descobrir ele proprio a verdade. Farejou, farejou, armou diversas ciladas, inventou as mais variadas armadilhas, mas a esposa em nenhuma caiu. Farto de viver naquela incerteza, o Anastacio deliberou que a coisa tinha que se descobrir, desse lá por onde desse, naquele dia. Fez-se mais amavel para a esposa, deu-lhe a entender que viria mais tarde para casa, porque tinha uns negocios a tratar, e saiu de casa disposto a deslindar por uma vez a tremenda duvida.

Na rua, o Anastacio escondeu-se numa escada, perto da sua, e esperou. A certa altura, viu chegar um rapaz elegante, que passou um pouco deante da casa do Anastacio e momentos depois enfiou pela escada dentro.

O Anastacio ficou pior do que uma enorme porção de ursos cheios de fome e, não se contentando, foi tambem direito á escada e trepou como um doido ao andar onde morava. Sacou das chaves e da pistola e entrou pela casa dentro. Numa pequena sala da sua casa lá estava o rapaz elegante com a sua esposa, conversando muito animadamente. O Anastacio turvou-se e, apontando a pistola, disparou três vezes, porque um dos tiros falhou. Os dois caíram.

O Anastacio, ao vê-los no chão, abaixou-se tambem e ficou parvo: a mulher que estava no chão não era a sua.

— Oh! diabo! — disse o Anastacio, com os olhos esbugalhados. — Enganei-me no andar. Esta é a vizinha do segundo...

MANUEL DUQUE.

Tac-Tac-Tac

Historia dum Homem de estatura regular. — Eu nunca fui grande; por isso começo por a todos confessar que francamente sou meão, de tês morena, assaz elegante e nariz avantajado. Tambem desde já lhes declaro que o que se afirma geralmente acerca dos narizes grandes não é rigorosamente verdade quanto á minha pessoa que, pela educação esmerada que recebi desde a primeira infancia, fui sempre muito delicado para as senhoras, não gostando de as assustar.

Aos 8 anos tive o tifo e fiz exame de instrução primaria, pelo que, dois anos depois, fui nomeado ministro da instrução da minha terra, que é ao pé de Santa-Comba-E'-o tu-e o dás. Aos 18 anos, usava barba toda e era missionario inglês na Cúcúlandia, que fica ao sul de Australia, do outro lado do mundo onde está Vila Franca.

Foi nessa ocasião que uma vez, estando a lavar os pés á borda dum rio, fui engulido por um jacaré, que carregou comigo, enjoadissimo com aquele cheiro de óleo de figado de bacalhau, para as profundas do tal oceano que, para fazer pouco da gente, chamam para aí o Pacifico.

Vi-me grego três anos interinhos no bandulho do jacaré, que queria á força digerir-me. Mas eu fazia-lhe cócegas no interior e ele nunca poudo fazer pouco de mim.

Ora um dia, o jacaré enguliu um budião que tinha comido uma sôpa de feijão com couve no Paço. Eu, que estava fraquissimo, não estive com meias medidas. Papel o budião erú e com espinhas e tudo. Resultado foi, como era Je esperar, ter uma enorme indigestão.

O cheiro que se espalhou no interior do bandulho do jacaré foi de tal ordem que uma senhora que era minha companheira de cabine morreu asfixiada e o jacaré desatou aos berros, a gritar pelo Gregorio, até que me vomitou na praia da Ericceira, onde fui recebido com geral surpresa e todas as honras. Foi nessa ocasião que eu conheci o Perez Trancoso e o Rogerio Perez. O primelro, como o seu nome indica, era a tranca

do torto, sob a fórmula de capitão. O segundo andava a colher elementos para a sua *Historia dos Gambusinos, Buzios e Jantzaros*, que lhe deveria de abrir as portas da Academia Recreativa Freitas Gazul, onde o seu talento brilhava oleoso sobre a calva risonha.

Desde então, sofri a influencia que durante os meses que all me demorei sobre mim exerceu a figura prestigiosa do poeta João Maria Ferreira, então balbuciando com ternura os seus primeiros trechos poeticos:

*Flauta aventureosa,
Quem me dera
Ter-te assim, côr de rosa,
Na minha boca... ah, pudera
Nunca parar
De tocar...
De tocar...
Flauta aventureosa,
Tenra flauta côr de rosa...*

A influencia foi tal que eu resolvi só tocar viola ou ocarina.

E foi como tocador deste instrumento que eu trabalhei no Coliseu, contratado pelo Covões, até 1914, em que parti para a Russia, já com a minha figada.

Dão-se sucessivamente os acontecimentos que todos conhecem e eu encontro-me nomeado Director Geral dos Rublos Nacionais.

Numa noite, peguei em dez malas cheias de rublos e fugi para a Italia. Estava rico, riquissimo! opulento! ia ter um automovel e um relógio de ouro! Pensava eu isto, ao estirar-me com delicia na cama do Savoya Hotel Muscati. E adormeci. Logo na manhã seguinte, ia enlouquecendo: os rublos, fóra da Russia, não valiam nada! Deixei as malas no hotel e, tendo posto o sobretudo de peles no prégo, raspei-me para Genova, de onde embarquei para Lisboa.

Estavamos em 1924. Em toda a parte se falava dum aventureiro de nome D. Juan de Penca Grande, que roubara os rublos dos soviets.

Não me pareceu o ambiente propicio a continuar a usar o meu nome patronimico. E é, desde então, que me chamo

CIRANO DE VELHOFAC.



— A sua profissão?
— Diga v. ex.ª qual me aconselha?

Graça dos outros

A esposa: — Quero dar um presente á tua dactilografista.

O marido: — Ah, sim?!

A esposa: — Talvez uma combinação de seda. Qual é a côr que ela prefere?...

* * *

No atelier de pintura:

O pintor: — Dois contos por este quadro, que é uma maravilha? Prefiro deixar-me morrer de fome!

O amador: — Está bem! Espere!...

* * *

No barbeiro:

O freguês, aflito: — Mas é este menino tão pequeno que me vai fazer a barba?

O pai, baboso: — Deixe-o fazer! Ele faz hoje anos!...

* * *

No consultorio medico:

O empregado: — Estão lá fora dois mudos que o querem consultar.

O medico: — Verdadeiramente dois mudos?

O empregado: — Pelo menos são eles que o dizem...

* * *

Um sujeito a uma senhora:

— Diz um ditado que, por cada beijo que se dá, se perde um cabelo.

A senhora: — Então o senhor está calvo em pouco tempo...

O sujeito: — Quando v. ex.ª quiser.

* * *

Dois bebados eram inseparaveis. O mais velho cai gravemente doente. No momento de morrer, diz ao seu amigo, que o não deixara um só momento:

— Meu pobre amigo, estou no outro mundo.

O outro pronunciou algumas palavras afectuosas.

— Fala-me de mais perto! — suspira o moribundo. — Fala-me ao pé do nariz... quero ainda mais uma vez aspirar o cheiro do vinho!

* * *

No tribunal:

— Confessa ter disparado dois tiros contra sua sogra.

— Sim, senhor, mas foi em legitima defeza.

— Como assim?

— Essa mulher envenenava-me a existencia.

* * *

Um viajante mal humorado num hotel, pergunta a uma senhora:

— Está há muito tempo pronta esta janua?

— Fresta, não!... Eu sou a proprietaria da casa e dou a comida aos bichos.

NO CASINO



— Entregue-me esta carta ao director do casino.
— Nessa não calo eu! Se soubesse a «pancada» que ele tem apanhado!

O NOSSO CONCURSO

Parodia á quadra premiada do "Diario de Lisboa"

Terminou, pela formidável votação dos nossos leitores, o Concurso de parodias á quadra mais premiada do Concurso de quadras populares do *Diario de Lisboa*.

O publico, que tinha começado por dar o seu concurso ao Concurso, concorrendo, deu as gargalhadas ao lér as quadras, e acabou por dar o seu voto ás mais interessantes.

Fez-se o escrutínio. Eis o resultado:

1.º PREMIO HUMORISTICO

**Se era em baixo, no regaço,
Que dormia esse sujeito,
Não pode ser disso a nodoa
Que a senhora tem no peito.**

438 votos

Premio: — Uma assinatura do *Sempre Fize* até o fim do...

2.º PREMIO HUMORISTICO

**Tenho uma nota no peito
Que hei-de mostrar ao meu Jorge.
Se calhar e deste jeito
De trazer «soutien gorge».**

401 votos

Premio: — Uma duzia de garrafas de Colares Ramisco, de Fasil Gordo, oferta do sr. Alberto Teia.

1.º PREMIO LIRICO

**Tenho umas nodoadas no peito
Tão negras que até receio
Que vejam que têm o geito
Dos biquinhos do teu seio.**

397 votos

Premio: — Uma friza ou camarote para a *Serena*, no S. Luis, oferta da Empresa Cine S. Luis.

2.º PREMIO LIRICO

**Amei-te por seres per ida
Mas agora olha o efeito:
A nodoa da tua vida
Fez-me uma nodoa no peito.**

312 votos

Premio: — Um almoco na *Leitaria Chic*, oferta do seu proprietario.

Pum! Pum! Pffch! Pffch! Pffch! Pá-pá-trá-pá-pá-pá! Pum!

Agora devem os premiados requisitar na nossa administração a credencial com que hão de ir receber os respectivos premios, depois de provarem convenientemente a sua identidade.



— Maria, fizeste hoje um jantar muito bom!
— Fize sim, minha senhora... Vem cá hoje o meu primo...

Elevador da Gloria

Na rua:
O ladrão, depois de despojar a vítima da carteira: — Quería pedir-lhe um conselho.
— Ah, sim?!
— Onde hei de ir passar o verão com este dinheiro...

O futuro sogro: — E com que dinheiro conta para manter a casa?
O futuro genro: — Com quinhentos mil réis por mês!
O primeiro: — Muito bem! Com uma mensalidade de quinhentos mil réis que dou a minha filha, deve chegar...
O segundo: — Oh! mas essa quantia é a que eu incluo no meu orçamento...

Ela, galante: — Este lindo câosinho e seu, minha senhora?
Ela, amavel: — Não senhor!
Ela, indignado: — Fôra daqui, ignobil rafeiro!

O Lisboaeta: — Nesta aldeia ha muitas distracções?
O aldeão: — Multissimas! Ainda ontem tivemos um eclipse da lua!...

Em frente do relógio da estação do Rossio:
— Tu, que és muito inteligente, diz-me o que falta neste relógio!
— Confesso que não sei.
— Pois é facil dizer! Falta um quarto para as seis...

O juiz: — Tendo em conta as prisões que já sofreu o réu, fica condenado em 20 anos de degredo!
O réu: — Não me podia fazer abatimentosinho, sr. juiz?

Entrevista amorosa:
O turco: — Nós, os turcos modernos, já não compreendemos a poligamia.
Ela: — Vê-se que ainda não se acostumaram á civilização europeia...

O mestre: — Que vergonha! Quando eu tinha a tua idade, já lla correctamente, e tu...
O discípulo: — Provavelmente, o seu mestre era melhor do que o meu!...

O pai: — Mas como! O senhor dorme no trabalho?
O empregado: — Desculpa, patão. Come que não meu filho chorou muito, não posso dormir.
O pai: — Está bem! Traga o seu filho para cá, porque assim o impedirá de dormir aqui...



— As mulheres são mais corajosas do que os homens!
— Porquê?
— Então não vês como teem a coragem de andar... todo o dia experimentando chapéus e vestidos, tendo sómente vinte escudos na mala!...

A sorte dum homem

Quando o comboio galgou a estação de Castelo Branco, sentiu o Jacinto um prazer indescritivel. Ia vêr de novo a terra onde nascera e vira desfazer-se todo um mundo de illusões.

Havia quinze anos já que abandonara a cidade, na esperança de amealhar alguns cobres. O pai, a mãe e a avó, os unicos parentes que tinha, lembrara-se Deus de os levar, justamente durante a ausencia de Jacinto.

Mas, quando desembarcou, apesar da triste lembrança dos que a morte lhe levava, Jacinto viveu uns momentos de inefavel prazer: não só ia vêr a terra que lhe fôra berço, como ainda velhos conhecidos a quem, decerto, ia espantar com o seu fato bem talhado e os modos de pessoa civilizada que a estadia na capital lhe fizera ganhar.

— Olha o tio João!... Boa tarde. Então como tem passado?

— Boa tarde... Mas quem é o senhor?

O coração sofreu um choque: o tio João não o reconheceu. Estaria velho?

Andou mais uns passos e deu boas tardes ao Ernesto padeiro, que tambem não o reconheceu... Passou depois pela Maria Espantalha, uma graciosa cachopa que de espantinho tinha apenas o nome que a avó lhe legara. Sucedeu a mesma coisa.

Jacinto exasperou-se, zangou-se consigo proprio, e dispunha-se já a voltar á estação, para embarcar para Lisboa, quando ouviu:

— Eh! Jacinto! Que é feito de ti, homem! Que grande ausencia!

— Ora ainda bem que te vejo! Dá cá um abraço, Antonio... Ao menos valha-me esta consolação: foste tu o unico que me reconheceu.

— Éu é que estou contentissimo por te vêr! — voltou o Antonio — porque o teu pai, quando morreu, ficou-me a dever duzentos mil réis...

A CRISE!



O Elefante: — Nem com abatimento!

Cacharolete

Muita gente passa a Vida a fugir aos varios perigos, vindo em toda a parte e sempre ciladas e inimigos.

Se ouve um tiro, foge a nove, e val p'ra baixo da cama, amaldiçoando a sorte, o pai, a mãe, mail'a ama.

Se ha guerra, fica p'ra traz, se ha revolução, é neutral, se uma zaragata vê, foge, com medo bestial.

E tudo isto, para que, se a Morte só nos apanha quando muito bem entende, com castanha ou sem castanha?

Para viver ou morrer, não vale nenhum albergue... Senão, vejam o exemplo de Wilkins e Lindbergh...

O HOMEM DOS TIMBALES.

Força de vontade

Havia um individuo de nome Zé, sé que todos os dias jurava fidelidade a Baccho. Não havia dia no calendario que não fosse assinalado com uma valentissima bebedeira. Os anos iam passando e com eles as bebedeiras, até que um dia sentiu-se doente e foi a um medico. O doutor, depois de o observar, foi de opinião que ele devia deixar de beber, pois que a sua doença era derivada do excesso do alcool; que tivesse muita cautela, deixasse de frequentar tabernas, evitasse entrar nelas, tivesse força de vontade e não bebesse nem sequer ás refeições.

O homenzinho prometeu deixar de beber, desfez-se todo em juras, pagou a consulta e saiu. Ao regressar a casa, passou por uma taberna e, segundo o seu costume, ia a entrar, mas lembrando-se da jura que tinha feito, disse:

— O' seu Zé, você prometeu que não entrava nestas casas e não entra; tenha julzo e continue o seu caminho.

Passou por segunda, terceira e quarta taberna e succedeu-lhe sempre o mesmo. Até que, estando para entrar em casa, disse, todo satisfeito:

— Bravo, seu Zé, você, que foi um heroi, um homem de palavra, mostrou ter força de vontade, prometeu não entrar em tabernas para beber vinho e não entrou, cumpriu com a sua palavra de homem honrado e por isso merece ir beber dois decilitros.

Não foi nada. Foi direito a uma taberna e aí é que ele mostrou ter força de vontade... de beber. Bebeu dois, mais dois, mais dois, etc., e o resultado foi o mesmo dos outros dias.

FREITAS MALDONADO.

Formigas com catarro



— Para onde vais tu com esta chuva?
— Como assim? sempre a dizer que eu sou bonito, vou ao concurso das costureiras.

O pingo

(Mais uma parodia á velha «Lagrima», de Junqueiro)

Manhã de Junho ardente. Uma casa abastada com oito divisões, ao meio duma escada.

Ali, um contador de lata ferrugenta aguarda a agua ideal que nunca mais rebenta.

Na torneira — que a linfa ha muito já não lava — na torneira, á pontinha, a tal bizarrina brava,

cuspiu maldosamente, olimpica e divina, uma lágrima falsa, imunda e pequenina.

Tão pequena e tão falsa a lágrima seria que ao pé era um bacilo e ao longe... nem se via!

Passando, a D. Ester, hiante d'espavento, correu para apanhar a lágrima portentosa:

— Ha muito tempo já — clamou, quedando o olhar — não via joia assim, oh «camafeu» sem par!

Ha saffras, rubis, opalas e «oh palões»! que são, ao pé de ti, pobres imitações!

Ha pérolas reais... e falsas muitas vezes, umas filhas da óstra, as outras dos chineses...

Pois todo esse brasil não vale um caracol comparado contigo, oh lágrima de Sol!

Dá-me, por piedade, a ventura suprema d'orvalhar este copo, oh maravilha! oh gema!...

E o pingo nauseante, impuro e baciloso, ouviu, tossiu, sorriu — e ficou silencioso.

Couraçada de banha, anafada, a sopeira olhou, casualmente, a ponta da torneira.

E vendo a gôta vil, berrou apavorada:
— Oh pinga d'auga suja! Oh estrela enxovalhada!

...rinca-te d'ai! Pincha d'ai p'ra baixo!
Rega-me o berbigão que tenho neste tacho!

Vem juntar-te ao «Cobby» do banho da menina e alimpo-te a torneira a «Amôr» ou «Solarina»!

Eu dou-te o meu poliça, a quem amo ao Domingo, mas pinga para aqui, mas pinga, oh pingo!

E assim salpicarás, oh pingo encantador! o poliça, a menina, o tacho e o amôr!

E o pingo nauseante, impuro e baciloso, ouviu, tossiu, sorriu — e ficou silencioso.

Miando nostalgia, em busca d'algum rato, passa o gato da casa, um miseravel gato.

Um gato tão hirsuto e magro e tão doente, que se não fóra preto, ele era transparente!

A gôta deu no gôto ao gato farroupilha que, vendo-a, exclamou: — «Oh Deus, que maravilha»!

E suspirou, saudoso, um tão fundo miado, que um predio, em vez dum pingo, havia desabado!

— As 'spinhas que me dão, — acrescentou depois — matam um gato á fome... e até matavam dois!

E as sopas que, a provar, me dão de quando em vez, sobejos da cosinha, essas... matavam três!...

A gata minha amante, uma «Angorá» bem boa, esbanca, a matar gatos, a Cam'ra de Lisboa!...

Pois por ti trocaria, oh gôta que me és grata! as espinhas, a sopa, a Camara e a gata!...

E o pingo nauseante, impuro e baciloso piscou o olho ao gato e ficou silencioso.

Da Companhia, então, sem bulha, de mansinho, alguém, pé ante pé, puzou um cordelinho...

... e o pingo nauseante e vil, com mais aquele, voltou acelerado ao leito do Alviela!...

S. NEVES.

Noticias do dia

Um roubo em Marvão

Mais uma vez temos que lamentar a frequencia com que nesta risonha vila se estão dando roubos. Marvão, que é preferida por toda a gente de bom gosto, inclusive pelo rapido de Madrid, que antes de ir para Espanha está lá um bocadinho a tomar o fresco e a atrazar-se, vê-se agora numa situação aflitiva mercê dos gatunos que por aqui campelam. Ainda não ha vinte e cinco anos, tivemos que fazer referencia a um roubo importantissimo e já hoje temos que voltar a lamentar outro roubo tambem de grande monta. Foi o caso que num dos últimos dias da semana passada, os gatunos entraram por meio de chave falsa num descampado que existe proximo desta vila, onde roubaram uma grande colheita de figos passados e ainda em muito bom estado de conservação. Os gatunos fugiram, não sendo possível encontrá-los por terem deixado crescer as barbas.

Brincadeiras de amigos

Recolheu ao hospital, em estado muito grave e com dores agudas, um rapaz de 54 anos, solteiro e natural de Lisboa, que estando de brincadeira com um seu amigo, este lhe furou a barriga com um prego de chapeu, fazendo-o depois engulir um chapeu de côco, dos de dezoito mil réis, e, não contente com isto, obrigou-o ainda a pagar um jantar. O desgraçado foi enviado para a sala de observações, não havendo esperanças nenhuma de que ele morra. O outro amigo, que está muito repezo do acto que cometeu, foi comprar outro chapeu de côco.

Acidentes de vinção

Ontem, na rua Augusta, foi atropelado por um individuo desconhecido um pequeno automovel, que recolheu em estado grave á Garage Continental.

Tambem, na rua do Ouro, uma criança de um dos sexos mais usados foi atropelada por um carrinho de mão que seguia em sentido contrario áquele que é proibido pelo regulamento de transito. A criança não recolheu ao hospital nem a casa porque tinha aonde ir.

Mixordeiros

Queixou-se á policia o solicitador Jorge Penela Junior que, tendo solicitado um veneno para se suicidar, foi-lhe vendida qualquer mixórdia que não deu o resultado previsto. A policia tomou as necessarias providencias.

Desastre com arma de fogo

Recebeu tratamento no Hospital de S. José o comerciante José Angelico Bernardes, que ontem, quando foi caçar para o campo, caiu dum valado com a espingarda ás costas, tendo sofrido desarranjo no gatilho da espingarda e partido a coronha da mesma.

Alfaiate que se corta

Foi ontem preso na rua da Boa Vista o alfaiate Miguel Pacheco de Andrade Alves Baptista dos Santos Roque Junior, que na alfaiataria onde estava empregado se cortou numa peça de fazenda, um golpe tão fundo, tão fundo, que nunca mais se encontrou a peça de fazenda.

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

Um de sempre, de sempre!
Sempre certos grandes

Esperiezas de Jangadas

Foi em 30 de fevereiro. A Academia dos Intelectuais do Copo estava em festa. Comemorava, nesse dia, mais um aniversário.

Como de costume, houve uma soleníssima sessão *Carlazo*, discursos espirituosos e vibrantes, constantemente interrompidos pelo ruído de copos que se tocavam, cheios, e depois se despejavam nas insaciáveis guelras do auditorio, em concordância absoluta com o patriótico espirito que inspirava os inflamados oradores, sequiosos de Verdade, pois que... a Verdade... *In Vino Veritas!*

Isto de tarde; porque, á noite, como parte final do programa comemorativo, realizou-se um *Sarau Rôro*, de farta e estilizada concorrência.

Vinha de lá o Januario, quando o encontrei nessa madrugada fria. As bandas de seda do seu casaco tinham reflexos arroxeados, reflexos emitidos pelo nariz, que parecia a luz vermelha de um navio. (A comparação com o navio era perfeita, porque momentos depois, o Januario arrebava carga ao mar!)

As calças, salpicadas, aqui e acolá, por manchas que me pareceram ser de puré de feijão manteiga...

Perdão; é exagerado o rigor da minha observação; o feijão podia ter sido branco quando entrou no estomago do Januario, e ter saído com outra cor, porque também ele, o Januario, apesar dos multes ss que fazia, tinha perdido um outro s do seu traje estilizado, saindo utilizado do sarau...

— Estou muito doente! — dizia ele, entre golfadas do tal puré ou coia que lhe valha.

— Homem isso passa — animava eu.

— Preciso dum medico!

Perto morava o dr. Fagundes, medico distinctissimo e nosso comum amigo.

Para lá se encaminhou o Januario, em passo incerto.

Tentei convencê-lo a desistir de incomodar o doutor áquela hora. Inútil esforço o meu. Não me lembrava.

Porém, eu era teimoso e quiz, por fórma menos branda, impedir que o seu intento fosse avançar, mas... era já tarde!

O Januario acabava de tocar a campainha.

Foi o proprio dr. Fagundes quem nos veio abrir a porta, em pijama. Entrámos para uma sala.

— Oh Fagundesinho, dá cá uma pancadinha ao Januario! — articulou este, botando as mãos aos ombros do doutor.

— Oh filho, vai p'r'ó... — ia a responder o doutor.

Com um gesto rapido, tapei-lhe a boca com a mão.

E' que acabava de entrar na sala a sua gentilissima esposa, D. Geneveva Alcurado.

Estendeu-me a mão, que eu senti fria e humida. Devia ter saído d'agua ha pouco tempo...

Eu já tinha estranhado a brevidade com que o doutor nos tinha aberto a porta, pois o supunha a dormir, mas mais estranhei vêr que sua esposa também ainda estava acordada, apesar de já terem dado três... da manhã!

Enfim, talvez lhes fôsse difficil conciliar o sono...

— Oh Fagundes, o Januario sente-se mal. Deve ser ainda da entercolite — disse eu, para abreviar tão estranha consulta.

O doutor curva-se para o Januario, que, entretanto, se tinha deitado numa cadeira, onde roncava como um porco, e, simultaneamente observando atentamente, levanta-se e diz:

— Pior do que isso, é uma entercolite-litro dupla...

REPORTER FIXE.

VIRTUDES

O meu amigo Evaristo arranhou ha tempos um daqueles objectos de primeira necessidade a que nós — talvez por nos desarranjarem a vida — costumamos chamar «arranjinho».

E a todas as horas, e em todos os locais onde me topava, o Evaristo aproveitava a occasião para me fazer o elogio das qualidades fisicas e morais que ornavam a sua ultima conquista.

— Tu sabes lá! — dizia-me ele, entusiasmado. — Aquilo é uma mulher que pode andar um regimento inteiro atraz dela que não dá fala a ninguém!

E tanto me axaltou os dotes da sua Clarinha, modelo duma casa de modas, que me habituei a vêr nela um modelo de virtudes.

— Hasde conhecê-la! — exclamava ha dias o meu amigo, com o tom superior de quem se propõe conceder a outrem uma notavel honra.

— Quero que a conheças e depois me dirás se eu exagerei quando febo com esta exaltação a seu respeito.

E dias passados, em plena rua, quando eu seguia descuidado, fui subitamente agredido com a apresentação do modelo — pelo menos do «modelo» idealizado pelo Evaristo.

Com um modo ingenuo que não parecia estudado, a pequena pronunciou algumas palavras gentis.

E após aquele rapido, mas nem por isso menos eficaz exame directo que todos nós costumamos fazer ás mulheres do proximo, principalmente quando ele é mais ou menos Evaristo, cheguei á conclusão, verdadeiramente satisfatoria, de que o meu amigo me não enganara quanto ás qualidades fisicas da Clarinha. E, quanto ás morais, dizia elle que eram ainda superiores, e desmentir é muito feio, além de que, eu nada tinha com isso.

Concordei pois, logo na primeira vez em que encontrei só o feliz proprietario do modelo, que tinha feito um verdadeiro achado, um achado capaz de entusiasmar um

homem, debaixo de todos os pontos de vista...

Passaram dois ou três dias. Saía eu dum prédio cujo nome e local não veem para o caso, quando me appareceu pela frente, acompanhada por um senhor que eu nunca tinha visto, a candida Clarinha. Estava, porém, tão profundamente arreigada no meu espirito a honestidade indiscutível daquela mulher, que não vi no seu companheiro mais do que um conhecido, um parente... — quem sabe se um irmão?

E quando passei junto dela, foi com o melhor sorriso que tinha disponível na occasião que pronunciei:

— Como está v. ex.? E o Evaristo, bem?

— Bem, obrigado! — foi a resposta que recebi, seca, rapida, como a maneira como foi pronunciada.

Foi isto ha quatro dias.

Encontrei, ha pouco, sósinha, a ingenua menina Clara, que o Evaristo ontem me comunicou estar Clara como sempre e ingenua como nunca. E, naturalmente, dirigi-me a ella, disposto a não lhe falar na cena passada dias antes.

Não tive, porém, tempo de pronunciar uma palavra.

A menina «modelo», que não é, pelo modo, um modelo de delicadeza, pôs a mão esquerda na anca em attitude «regateira», semicerrou os olhos num modo ameaçador e começou em tom de alto-falante montado em quinto andar:

— Com que então, você seu «chalado», outro dia não viu que eu ia «atracada» a um «gajo», para se pôr a falar-me no idiota do Evaristo? Não sei o prazer que vocês tem em escangalhar o arranjinho a cada um!

Ando doído por encontrar o Evaristo, para lhe aconselhar a que se divorcie, para casar o mais depressa possível com a simpatica Clarinha, que elle realmente anda, sem necessidade nenhuma, a comprometer com a sua companhia...

ANIBAL NAZARÉ.

DESSPORTOS

Toda a gente á porfia afirma, e parece ser verdade, que o cargo de dirigente de *foot-ball*, como aliás de qualquer outra modalidade desportiva, só acarreta desgostos e sacrificios, tanto de ordem moral como material.

Transforma-se, portanto, em axioma este principio: — *Dirigir representa sacrificio.*

Mas ha uma coisa que resta incompreensivel: — *«Como é que, quando se trata de eleições, logo os candidatos (sacrificados) acorrem ás centenas?»*

E' uma coisa verdadeiramente incompreensivel.

Como é que, representando os cargos dirigentes uma tão grande soma de *concebras*, tanta gente apparece disposta ingloriamente ao sacrificio horrendo?

Não ha epiteto deselegante que não alveje o dirigente. Não ha adjectivo feio que não seja arremessado impiedosamente áquelle que tem a função de dirigir.

Acontece até que, em quasi todas as assembleias gerais a que temos assistido, e numero elevado delas a nossa carreira desportiva já conta, a maior parte dos oradores começa assim as suas orações: — *«Não me interesse o lugar de dirigente, pois quasi tanto me tenho sacrificado e que só me tem sacrificado...»*

Isto dizem os dirigentes. Dizem

mas não o sentem. Porque, ao mesmo tempo que tal proferem, fazem todo o possivel por *aquecer* o lugar.

Ha pouco tempo ainda, na reunião preparatoria (pobre Luzo) para a eleição dos corpos gerentes dum organismo da Bola, se deram sintomaticos casos, como a comprovar aquilo que temos vindo a afirmar. Calculem que o representante dum club da linha de Cascais levou toda a sessão com esta afirmação a sair-lhe dos lábios: — *«Lembrem-se que o meu clubesinho jamais teve algum lugarzinho. E agora julgo que serei atendido, porque mais não peço do que o humilde lugar de 2.º secretario da Assembleia Geral.»*

Evidentemente que se torna desnecessario esclarecer que o delegado que esse club enviava para o referido lugar era exactamente o representante que o acabava de dirigir.

Outro delegado, aliás pessoa de qualidades e intelligente, requeria o lugar de suplente para o seu club a fim de (é declaração sua) *conscientemente se treinar para o lugar de efectivo.*

E, semelhantes a estes, podiamos citar um rosario de casos. E, digam-nos se, depois disto, não havemos de clamar: — *«Febres dirigentes! Pobresinhos delas!!!»*

JONICA.

Plas escolas

Faculdade de Direito. — G., aluno do 3.º ano, é ateu. E, além disso, o que se chama uma autentica nulidade musical. Pois o F. G., a convite, como não podia deixar de ser, duma velha titi, foi, numa das semanas passadas, ao «S. Carlos», ouvir a oratoria «Fátima», de Rui Coelho. No dia seguinte, na Faculdade, rodearam-no os colegas, para saber da bôca do F. G. as impressões do celebrado espectáculo. E ele, desdenhoso:

— Uma porcaria, meninos, uma porcaria! Calculem que, para o espectáculo terminar mais cedo, appareceram todos os personagens ao mesmo tempo, e todos cantavam ao mesmo tempo!

Faculdade de Medicina. — O professor, num exame:

— Como divide o senhor as doencas?

— Em doencas que se pegam, e doencas que se não pegam!

O professor, depois dum salto na cadeira:

— Como?

— Em doencas que se pegam, e doencas que se não pegam!

— O senhor não está bem com certeza! Então que diabo de classificação é essa?

— Oh, senhor doutor! Se pega, pega; agora se não pega... não pega!

Faculdade de Direito. — Numa aula do 2.º ano, o V. C. para a L. F.:

— Mas porque será que as cadeiras estão cheias de pó... Ou não terá a Faculdade, ao menos, um empregado para limpezas?

E logo a L. F., muito convencida:

— Nada disso, meu amigo! As cadeiras estão cheias de pó... porque é esta a primeira aula de hoje, e, claro, ainda hoje ninguém... se assentou em cima delas!

Faculdade de Letras. — J. N., mostrando a um amigo uma grande quantidade de cartas e cartões:

— Isto, meu caro, é que é ter importancia! Tudo isto que aqui vêes são convites!

— Convites?... Mas para quê? Bailes, concertos, ou teatro?...

— Nada disso, imbecil! São convites, a pagar o que eu devo!

Faculdade de Medicina. — Numa aula:

— Mostre-me lá onde é que está o femur?

— Não o tenho cá, sr. doutor. Deixe hoje o meu esqueleto em casa...

JOTA EME.



— Então tu és comunista?

— Não, mas não me importava que repartissem a minha sujeira com os outros, a vêr se os vermes me ficavam mais em conta. Eu tem um metro e oitenta de altura e 100 quilos de peso...

ECOS DA SEMANA

AS COSTUREIRAS ANTES E DEPOIS DO CONCURSO



A RESPEITO DE PREGAREM OLHO NEM ELAS NEM OS VISINHOS



HA TRAMBULHÕES HISTERICOS NA RUA ESCORREGARRETT.



NEVRÓTICAS PKAM OS DEDOS COMO CHOURICOS.



FICAM ZUCAS E NÃO MANDUCAM.



EM COMPENSAÇÃO A RAINHA PÓDE PÔR CASA E CASAR OU NÃO CASAR E PÔR UMA CASADE UTILIDADES



O "PARECEMAL" ARREPELOU A CARECA E CAIU DESMAIDO PELO SUCESSO DO CONCURSO.



UMA JA MACROBIA BEBE MICROBIOS POR DESPEITO (SE BEM QUE TENHA PEITOS)



UM ALFAIATE, BELEZA DE RA PAZ, PELO MESMO MOTIVO SUICIDA-SE TRAGICAMENTE.



O SEXO FRACO DEDICA-SE TODO A COSTURA, NA ESPERANÇA DE NOVOS REINADOS SUBLIMADOS...